



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**



LARICE SILVA MENDONÇA

**AS QUESTÕES GERACIONAIS E A EJA: O ESTADO DO CONHECIMENTO NAS
REUNIÕES ANUAIS DA ANPED, SCIELO E CAPES**

MARIANA – MG

2026

LARICE SILVA MENDONÇA

**AS QUESTÕES GERACIONAIS E A EJA: O ESTADO DO CONHECIMENTO NAS
REUNIÕES ANUAIS DA ANPED, SCIELO E CAPES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a conclusão da disciplina EDU 023, Seminário VII: Conclusão de Curso e obtenção do título de licenciatura em Pedagogia do Departamento de Educação do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto.

Professor da disciplina: Prof. Dr. Erisvaldo Pereira dos Santos.

Professora Orientadora: Profa. Dra. Regina Magna Bonifácio de Araújo.

MARIANA – MG

2026



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO



FOLHA DE APROVAÇÃO

Larice Silva Mendonça

As questões geracionais e a EJA: a estado do conhecimento nas reuniões anuais da ANPED, Scielo e Capes

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em pedagoga

Aprovada em 05 de fevereiro de 2026

Membros da banca

Dra. Regina Magna Bonifácio de Araújo - Orientador(a) Universidade Federal de Ouro Preto
Dr. Erisvaldo Pereira dos Santos - Universidade Federal de Ouro Preto

Dra. Regina Magna Bonifácio de Araújo, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 05/02/2026



Documento assinado eletronicamente por **Regina Magna Bonifacio de Araujo, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 05/02/2026, às 08:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1053413** e o código CRC **2A142CFA**.

RESUMO

Este estudo analisa a produção acadêmica sobre as questões geracionais na Educação de Jovens e Adultos (EJA), a partir de um mapeamento realizado nas Reuniões Nacionais da ANPED, no Portal SciELO e na Plataforma de Periódicos da CAPES. Parte-se do entendimento de que a EJA se configura como um espaço educativo marcado pela diversidade de trajetórias de vida, experiências sociais e temporalidades, no qual diferentes gerações compartilham o mesmo ambiente escolar. Nesse contexto, a intergeracionalidade emerge como dimensão relevante para a compreensão das dinâmicas pedagógicas, das relações entre estudantes e dos sentidos atribuídos ao processo de escolarização. A pesquisa caracteriza-se como um estudo do tipo estado do conhecimento, com abordagem qualitativa e caráter bibliográfico-documental. Foram utilizados descritores relacionados à EJA e às questões geracionais, aplicados com operadores booleanos, a fim de identificar produções publicadas entre 2020 e 2025. Após a seleção, os trabalhos foram organizados e analisados com base em categorias como foco temático, referenciais teóricos, metodologias empregadas e formas de abordagem da dimensão geracional. A sistematização das produções permite visualizar tendências, recorrências e lacunas no tratamento da intergeracionalidade no campo da EJA, evidenciando como diferentes pesquisas têm se aproximado, direta ou indiretamente, dessa temática. Ao problematizar a presença de múltiplas gerações na modalidade, o estudo busca contribuir para o aprofundamento das discussões sobre os sujeitos da EJA e sobre os desafios e possibilidades que emergem desse encontro no espaço escolar.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Intergeracionalidade; Estado do conhecimento; Diversidade geracional; Produção acadêmica.

ABSTRACT

This study analyzes academic production on generational issues in Youth and Adult Education (EJA) through a survey conducted in the National Meetings of ANPED, the SciELO Portal, and the CAPES Journal Platform. It is based on the understanding that EJA constitutes an educational space marked by diverse life trajectories, social experiences, and temporalities, in which different generations share the same school environment. In this context, intergenerationality emerges as a relevant dimension for understanding pedagogical dynamics, relationships among students, and the meanings attributed to the schooling process. The research is characterized as a state-of-the-knowledge study, adopting a qualitative and bibliographic-documentary approach. Descriptors related to EJA and generational issues were used with Boolean operators to identify publications produced between 2020 and 2025. After selection, the studies were organized and analyzed based on categories such as thematic focus, theoretical frameworks, methodologies employed, and ways of addressing the generational dimension. The systematization of the selected works makes it possible to identify trends, recurrences, and gaps in the treatment of intergenerationality within the field of EJA, highlighting how different studies have approached this theme, either directly or indirectly. By problematizing the presence of multiple generations in this educational modality, the study seeks to contribute to a deeper understanding of EJA students and of the challenges and possibilities that emerge from this intergenerational encounter in the school context.

Keywords: Youth and Adult Education; Intergenerationality; State of knowledge; Generational diversity; Academic production.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	7
1 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: DIREITO, SUJEITOS E ESPECIFICIDADES .7	
1.1 Trajetórias de exclusão, diversidade de sujeitos e sentidos da escolarização na EJA	9
2 INTERGERACIONALIDADE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: IDENTIDADE, DIFERENÇA E RELAÇÕES ENTRE GERAÇÕES	11
2.1 Intergeracionalidade, práticas pedagógicas e construção de identidades na EJA.....	13
3 PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE EJA E QUESTÕES GERACIONAIS: O ESTADO DO CONHECIMENTO NA ANPED, SCIELO E CAPES	15
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	17
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	27

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) constitui-se como uma modalidade da Educação Básica destinada a sujeitos que, por diferentes razões sociais, econômicas e culturais, não tiveram acesso ou não conseguiram permanecer na escola na idade considerada regular. No contexto brasileiro, a EJA materializa-se como direito educacional assegurado pela Constituição Federal de 1988 e regulamentado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº 9.394/1996, que reconhece essa modalidade como espaço de garantia do direito à escolarização ao longo da vida (Brasil, 1988; Brasil, 1996). O Plano Nacional de Educação – PNE (Lei nº 13.005/2014) reforça esse compromisso ao estabelecer metas relacionadas à erradicação do analfabetismo, à elevação da escolaridade média da população jovem e adulta e à redução das desigualdades educacionais.

Apesar dos avanços legais, a EJA permanece marcada por processos históricos de exclusão e pela insuficiência de políticas públicas capazes de assegurar condições equitativas de permanência e aprendizagem. Estudos apontam que a modalidade frequentemente recebe menor aporte de recursos e menor visibilidade nas políticas educacionais, o que contribui para a manutenção de desigualdades estruturais que incidem sobre seus sujeitos (Castro; Cruz, 2024). Nesse cenário, a EJA passa a ser compreendida não apenas como política de escolarização tardia, mas como expressão das desigualdades sociais acumuladas ao longo das trajetórias de vida de jovens, adultos e idosos.

Os sujeitos que frequentam a EJA constituem um público heterogêneo, formado por trabalhadores, mães, pais, jovens em situação de vulnerabilidade social, pessoas idosas e indivíduos com trajetórias escolares interrompidas. Essa diversidade de experiências e faixas etárias faz da EJA um espaço privilegiado de convivência entre gerações, no qual histórias de vida, expectativas e projetos de futuro se entrecruzam no cotidiano escolar. A presença simultânea de diferentes gerações na sala de aula revela uma dimensão intergeracional que ultrapassa a simples diferença etária, envolvendo relações de identidade, memória, pertencimento e construção de sentidos sobre a escolarização.

A discussão sobre gerações na EJA dialoga com estudos que problematizam identidade e diferença no campo educacional (Hall, 2006; Silva, 2010), bem como com reflexões acerca da pluralidade cultural e das desigualdades que atravessam os sujeitos das políticas públicas (Arroyo, 2011; Gonçalves; Silva, 2006). Nessa perspectiva, a intergeracionalidade na EJA pode ser compreendida como elemento constitutivo das práticas pedagógicas, das relações sociais estabelecidas no espaço escolar e das formas como os sujeitos significam suas trajetórias de

escolarização. Pesquisas específicas sobre a temática evidenciam que o encontro entre gerações na EJA contribui para processos de troca de saberes, reconhecimento mútuo e construção de identidades, ao mesmo tempo em que explicita tensões, expectativas distintas e desafios pedagógicos (Bicas, 2012; 2015; Araújo; Coutrim, 2022).

Diante dessa complexidade, torna-se relevante compreender como a produção acadêmica recente tem abordado a relação entre EJA e questões geracionais. Embora a modalidade venha sendo objeto de estudos em diferentes perspectivas, observa-se que determinadas dimensões, como a intergeracionalidade e as relações familiares entre estudantes, ainda carecem de sistematizações que permitam visualizar tendências, enfoques teóricos predominantes e lacunas investigativas.

Nesse contexto, coloca-se o seguinte problema de pesquisa: Como a produção acadêmica recente tem abordado as questões geracionais na Educação de Jovens e Adultos, considerando as pesquisas apresentadas nas Reuniões Nacionais da ANPEd, no Portal SciELO e no Portal de Periódicos da CAPES? A partir desse problema central, desdobram-se as seguintes questões orientadoras: quais enfoques teóricos têm sido mobilizados para discutir a intergeracionalidade na EJA; quais metodologias predominam nos estudos que relacionam EJA e gerações; que aspectos das relações intergeracionais são mais investigados, como convivência, identidade, práticas pedagógicas e trajetórias familiares; e quais lacunas ou temas ainda pouco explorados podem ser identificados nessa produção.

Assim, o presente trabalho insere-se no campo dos estudos denominados Estado do Conhecimento, caracterizados como pesquisas de natureza bibliográfica que buscam mapear, analisar e sistematizar a produção científica sobre determinado tema, evidenciando recorrências, abordagens teóricas, procedimentos metodológicos e aspectos ainda pouco explorados (Romanowski; Ens, 2006; Morosini; Fernandes, 2014). Tal abordagem possibilita compreender como o conhecimento vem sendo construído em torno da Educação de Jovens e Adultos e das questões geracionais, contribuindo para o fortalecimento do campo e para a orientação de futuras investigações.

Desse modo, a pesquisa tem como objetivos: (a) identificar a produção acadêmica que aborda a Educação de Jovens e Adultos articulada à questão intergeracional, a partir da análise das quatro últimas Reuniões Nacionais da ANPEd, do Portal SciELO e do Portal de Periódicos da CAPES; e (b) examinar esses trabalhos a fim de compreender as perspectivas teóricas e metodológicas adotadas e o que as pesquisas recentes evidenciam sobre a temática.

A relevância do estudo reside na possibilidade de oferecer um panorama atualizado das investigações sobre intergeracionalidade na EJA, subsidiando professores, pesquisadores e

estudantes de Pedagogia na compreensão das especificidades dos sujeitos que compõem essa modalidade. Ao sistematizar o conhecimento produzido, o trabalho contribui para ampliar o debate sobre diversidade etária, trajetórias escolares e práticas pedagógicas na Educação de Jovens e Adultos, fortalecendo a defesa do direito à educação ao longo da vida em uma perspectiva inclusiva e socialmente referenciada.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: DIREITO, SUJEITOS E ESPECIFICIDADES

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) insere-se no campo das políticas públicas educacionais como modalidade destinada àqueles que não tiveram acesso ou permanência na escolarização na idade considerada regular. Sua existência está diretamente relacionada às desigualdades históricas que marcaram a constituição do sistema educacional brasileiro, revelando que a exclusão escolar não é um fenômeno individual, mas socialmente produzido.

A Constituição Federal de 1988 estabelece a educação como direito de todos e dever do Estado e da família, princípio que fundamenta juridicamente a EJA enquanto política de reparação de direitos historicamente negados. Conforme o texto constitucional, “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (Brasil, 1988, art. 205).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional reafirma esse direito ao tratar especificamente da Educação de Jovens e Adultos, reconhecendo como público dessa modalidade aqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos na idade própria. Assim, a legislação não apenas legitima a EJA, mas a insere como parte integrante da Educação Básica, reforçando seu caráter de política pública permanente (Brasil, 1996).

O Plano Nacional de Educação (PNE) também explicita a preocupação com a escolarização de jovens e adultos ao estabelecer metas voltadas à erradicação do analfabetismo, à ampliação da escolaridade média e à articulação entre educação básica e formação profissional (Brasil, 2014). Tais diretrizes indicam que a EJA deve ser compreendida como estratégia de enfrentamento das desigualdades educacionais acumuladas historicamente, especialmente entre os segmentos sociais mais vulnerabilizados.

Entretanto, a consolidação da EJA como direito não elimina as contradições presentes em sua implementação. Estudos apontam que a modalidade continua ocupando posição secundária nas políticas de financiamento e planejamento educacional, o que compromete a

garantia de condições adequadas de oferta e permanência dos estudantes (Castro; Cruz, 2024). Essa realidade evidencia que o reconhecimento legal não tem sido suficiente para assegurar equidade material, revelando a persistência de desigualdades estruturais no interior do sistema educacional.

Nesse cenário, torna-se fundamental compreender quem são os sujeitos da EJA. Diferentemente da escola regular, cuja organização tradicionalmente se estrutura a partir de faixas etárias homogêneas, a EJA reúne indivíduos com trajetórias marcadas por interrupções escolares, inserção precoce no trabalho, responsabilidades familiares e experiências de exclusão social. Conforme apontam estudos sobre o perfil dos estudantes da modalidade, a EJA é composta por sujeitos que carregam histórias de negação de direitos, mas também de resistência e busca por reconhecimento por meio da escolarização (Araújo; Coutrim, 2022; Santos; Silva, 2020).

A diversidade de experiências que caracteriza a EJA demanda uma compreensão ampliada de educação, que considere não apenas conteúdos escolares, mas os saberes construídos ao longo das trajetórias de vida dos estudantes. Nessa perspectiva, Arroyo (2011) argumenta que as políticas educacionais precisam reconhecer as diferenças como constitutivas dos sujeitos, superando modelos homogeneizadores que desconsideram desigualdades sociais, culturais e geracionais. Para o autor, pensar a educação a partir das diferenças significa compreender que os sujeitos chegam à escola com histórias e identidades que precisam ser reconhecidas como parte do processo educativo.

Essa discussão dialoga com as reflexões de Stuart Hall (2006), que concebe a identidade como processo em constante construção, atravessado por contextos históricos e culturais. Aplicada à EJA, essa concepção permite entender que os estudantes não são definidos apenas por sua condição de defasagem escolar, mas por múltiplas pertencas sociais e culturais que influenciam suas relações com o conhecimento e com a escola. Do mesmo modo, Silva (2010) ressalta que o currículo não é neutro, sendo atravessado por disputas de poder e representações que podem incluir ou excluir determinados grupos sociais.

Ao considerar a pluralidade de sujeitos presentes na EJA, o debate sobre multiculturalismo e diferença também se mostra relevante. Gonçalves e Silva (2006) defendem que a pluralidade cultural constitui desafio central para as políticas públicas, pois as sociedades são diversas, mas essa diversidade nem sempre se traduz em representatividade e reconhecimento. Tal reflexão é pertinente à EJA, na medida em que seus estudantes frequentemente pertencem a grupos historicamente marginalizados, cujas experiências de vida nem sempre são contempladas nas práticas escolares.

Assim, a EJA pode ser compreendida como espaço de confluência de trajetórias marcadas por desigualdades, mas também de produção de novos sentidos para a escolarização. Mais do que modalidade compensatória, trata-se de campo educativo que exige práticas pedagógicas sensíveis às especificidades de seus sujeitos, às suas experiências de trabalho, família, cultura e pertencimento social. Esse reconhecimento é condição fundamental para que a EJA se afirme como política de direito e como espaço de construção de cidadania.

1.1 Trajetórias de exclusão, diversidade de sujeitos e sentidos da escolarização na EJA

A compreensão da Educação de Jovens e Adultos exige o reconhecimento de que seus estudantes não são definidos apenas pela condição de defasagem idade-série, mas por trajetórias de vida atravessadas por desigualdades sociais, raciais, econômicas e culturais. A EJA reúne sujeitos que vivenciaram processos de exclusão escolar decorrentes de inserção precoce no mundo do trabalho, responsabilidades familiares, migrações, precarização das condições de vida e ausência histórica de políticas públicas capazes de garantir acesso e permanência na escola.

Nesse sentido, a EJA não pode ser analisada como modalidade meramente supletiva ou compensatória, mas como expressão das contradições sociais que produzem a negação do direito à educação. Conforme discutem estudos sobre os sujeitos da EJA, a exclusão escolar não resulta de escolhas individuais, mas de processos estruturais que atingem, de forma mais intensa, populações empobrecidas e socialmente marginalizadas (Santos; Silva, 2020). Assim, o retorno à escola representa, para muitos, uma tentativa de reconstrução de trajetórias interrompidas e de acesso a oportunidades historicamente negadas.

As pesquisas também indicam que os estudantes da EJA atribuem diferentes sentidos à escolarização, que vão desde a busca por melhores condições de trabalho até o desejo de reconhecimento social, autonomia e realização pessoal. Essas motivações revelam que a escola, para esse público, não se restringe à obtenção de certificados, mas assume dimensão simbólica relacionada à dignidade e à cidadania. Tal perspectiva reforça a necessidade de compreender a EJA como espaço de produção de sentidos, no qual experiências de vida e saberes extraescolares precisam ser valorizados no processo educativo.

Ao tratar das diferenças presentes no espaço escolar, Arroyo (2011) destaca que os sujeitos das políticas públicas educacionais carregam marcas das desigualdades sociais e que a escola precisa reconhecer essas diferenças como constitutivas do processo formativo. Para o autor, ignorar tais marcas significa reproduzir exclusões, enquanto reconhecê-las implica

repensar práticas pedagógicas e curriculares de modo a dialogar com as experiências concretas dos estudantes.

Essa reflexão aproxima-se das discussões sobre identidade cultural, nas quais Stuart Hall (2006) afirma que as identidades são historicamente construídas e atravessadas por múltiplas pertencas. Aplicado à EJA, esse entendimento permite reconhecer que os estudantes se constituem como sujeitos a partir de suas vivências familiares, profissionais, comunitárias e culturais, e que essas dimensões influenciam suas formas de aprender, interagir e atribuir significado à escolarização. Do mesmo modo, Silva (2010) ressalta que o currículo participa da produção de identidades, podendo reforçar estigmas ou promover reconhecimento, a depender das concepções que orientam as práticas educativas.

No campo das políticas educacionais, o debate sobre pluralidade cultural também contribui para compreender a complexidade da EJA. Gonçalves e Silva (2006) argumentam que a diversidade é constitutiva das sociedades, mas nem sempre se converte em igualdade de direitos e representatividade. Essa análise é pertinente à modalidade, uma vez que seus estudantes, em grande parte, pertencem a grupos que historicamente tiveram seus saberes desvalorizados e suas trajetórias invisibilizadas nos espaços escolares.

Dessa forma, a EJA configura-se como espaço de encontro entre diferentes histórias de vida, experiências de trabalho, pertencimentos culturais e expectativas em relação ao futuro. A sala de aula torna-se, assim, lugar de negociação de sentidos, de reconhecimento mútuo e de reconstrução de identidades, evidenciando que a escolarização de jovens e adultos envolve dimensões que ultrapassam os conteúdos formais e alcançam aspectos sociais, culturais e subjetivos.

É nesse contexto de diversidade de trajetórias e produção de sentidos que se evidencia uma das características mais marcantes da EJA: a convivência entre sujeitos de diferentes faixas etárias e experiências geracionais no mesmo espaço escolar. A presença simultânea de jovens, adultos e idosos nas salas de aula introduz dinâmicas próprias de interação, troca de saberes e construção de identidades, apontando para a necessidade de aprofundar a compreensão sobre a intergeracionalidade como dimensão constitutiva dessa modalidade. Assim, o próximo capítulo dedica-se a discutir as relações entre gerações na EJA, articulando identidade, diferença e práticas pedagógicas.

2 INTERGERACIONALIDADE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: IDENTIDADE, DIFERENÇA E RELAÇÕES ENTRE GERAÇÕES

A Educação de Jovens e Adultos caracteriza-se por reunir, em um mesmo espaço escolar, sujeitos pertencentes a diferentes faixas etárias, trajetórias sociais e experiências de vida. Essa configuração rompe com a organização etária tradicional da escola regular e introduz uma dinâmica marcada pela convivência entre gerações, o que confere à EJA especificidades pedagógicas e relacionais. A intergeracionalidade, nesse contexto, não se limita à coexistência de idades distintas, mas envolve a circulação de saberes, valores, memórias e expectativas que atravessam o cotidiano escolar.

Os estudos de Bicas (2012; 2015) destacam que a EJA se constitui como espaço privilegiado de diálogo entre gerações, no qual jovens, adultos e idosos compartilham experiências de vida e constroem aprendizagens que extrapolam os conteúdos escolares formais. Para a autora, a interação entre diferentes gerações favorece a troca de saberes e contribui para a construção de identidades, ao mesmo tempo em que evidencia tensões relacionadas a valores, ritmos de aprendizagem e expectativas em relação à escola.

Ao analisar o perfil dos estudantes da modalidade, Araújo e Coutrim (2022) apontam para o fenômeno da juvenilização da EJA, caracterizado pelo aumento da presença de jovens que não concluíram a escolarização na idade regular. Essa mudança no perfil etário altera as dinâmicas da sala de aula, uma vez que coloca em contato sujeitos que vivenciaram contextos históricos, culturais e educacionais distintos. Tal configuração intensifica a dimensão intergeracional da modalidade e exige dos profissionais da educação práticas pedagógicas capazes de dialogar com diferentes experiências de mundo.

A intergeracionalidade na EJA pode ser compreendida à luz das discussões sobre identidade e diferença. Hall (2006) afirma que as identidades são construídas historicamente e estão em constante processo de transformação, sendo produzidas nas relações sociais e culturais. Nesse sentido, o encontro entre gerações na EJA constitui espaço de produção de identidades, no qual os sujeitos se reconhecem, se diferenciam e ressignificam suas trajetórias a partir da convivência com o outro. A sala de aula torna-se, assim, um espaço de negociação simbólica, em que memórias, valores e projetos de vida são compartilhados e reconstruídos.

De forma convergente, Silva (2010) argumenta que a diferença não deve ser compreendida como desvio, mas como elemento constitutivo das relações sociais e educativas. No contexto da EJA, as diferenças etárias e geracionais não representam obstáculos em si, mas dimensões que podem enriquecer o processo educativo quando reconhecidas e trabalhadas pedagogicamente. Entretanto, quando desconsideradas, essas diferenças podem gerar conflitos,

incompreensões e processos de exclusão simbólica no interior da sala de aula.

Arroyo (2011) ressalta que os sujeitos das políticas educacionais são portadores de histórias marcadas por desigualdades e que a escola precisa reconhecer tais marcas como parte constitutiva do processo formativo. Essa reflexão é especialmente pertinente à EJA, onde a convivência entre gerações explicita desigualdades históricas relacionadas ao acesso à escolarização. Adultos e idosos que tiveram o direito à educação negado convivem com jovens que, embora tenham vivido em outro contexto histórico, também enfrentaram trajetórias de fracasso escolar e exclusão. A intergeracionalidade, nesse cenário, evidencia continuidades e transformações nas formas de negação do direito à educação.

O debate sobre multiculturalismo também contribui para compreender a complexidade das relações intergeracionais na EJA. Gonçalves e Silva (2006) defendem que a pluralidade cultural é característica das sociedades contemporâneas, mas que essa diversidade nem sempre é reconhecida de forma equitativa nas políticas públicas e nas instituições sociais. Na EJA, as diferenças geracionais se articulam a diferenças culturais, sociais e econômicas, exigindo uma abordagem pedagógica que valorize o diálogo intercultural e o reconhecimento dos saberes produzidos fora da escola.

Nessa perspectiva, a interculturalidade surge como conceito relevante para pensar as relações entre gerações na EJA. Romani e Rajobac (2011) argumentam que a educação intercultural promove o respeito às diferenças e o diálogo entre distintas experiências culturais. Essa abordagem pode contribuir para a construção de práticas pedagógicas que reconheçam os estudantes da EJA como sujeitos de saberes diversos, cujas experiências de vida constituem elementos formativos tão relevantes quanto os conteúdos escolares.

As relações intergeracionais na EJA também se expressam nas trajetórias familiares, quando diferentes membros de uma mesma família compartilham experiências escolares em tempos distintos ou até mesmo simultaneamente. Essa configuração evidencia que a negação do direito à educação pode se perpetuar ao longo das gerações, revelando a dimensão estrutural das desigualdades educacionais. Ao mesmo tempo, o retorno à escola representa possibilidade de ruptura com esse ciclo, ao permitir que novos sentidos sejam atribuídos à escolarização no interior das famílias.

Assim, a intergeracionalidade na Educação de Jovens e Adultos configura-se como dimensão constitutiva dessa modalidade, atravessando identidades, práticas pedagógicas e relações sociais estabelecidas no espaço escolar. Compreender como a produção acadêmica tem abordado essa temática torna-se fundamental para evidenciar tendências teóricas, enfoques metodológicos e lacunas existentes, contribuindo para o fortalecimento de práticas educativas

mais sensíveis às diferenças etárias e às trajetórias de vida dos estudantes.

2.1 Intergeracionalidade, práticas pedagógicas e construção de identidades na EJA

A presença de diferentes gerações no mesmo espaço escolar não se configura apenas como dado demográfico da Educação de Jovens e Adultos, mas como elemento que influencia diretamente as relações pedagógicas, os processos de ensino e aprendizagem e a constituição das identidades dos sujeitos envolvidos. A intergeracionalidade, nesse contexto, deve ser compreendida como fenômeno relacional, que envolve trocas simbólicas, disputas de sentidos e negociações culturais entre sujeitos que pertencem a distintos contextos históricos.

Bicas (2012), ao analisar a aprendizagem na EJA sob a perspectiva intergeracional, destaca que o encontro entre gerações favorece a circulação de saberes construídos em diferentes momentos históricos, ampliando o repertório cultural dos estudantes. Para a autora, a convivência entre jovens, adultos e idosos possibilita a valorização de experiências de vida, contribuindo para a construção de vínculos e para o reconhecimento mútuo. Em estudo posterior, Bicas (2015) ressalta que a EJA se constitui como espaço de diálogo entre gerações, no qual os sujeitos constroem identidades a partir das interações estabelecidas no cotidiano escolar.

A construção de identidades na EJA pode ser compreendida a partir das contribuições de Hall (2006), que entende a identidade como processo em permanente transformação, produzido nas relações sociais e culturais. Sob essa perspectiva, o contato entre gerações distintas na sala de aula promove a reconfiguração de identidades, uma vez que os sujeitos se veem diante de diferentes formas de interpretar o mundo, o trabalho, a família e a própria escolarização. A intergeracionalidade, portanto, não apenas coloca em contato experiências diversas, mas cria condições para que novos sentidos sejam atribuídos às trajetórias individuais e coletivas.

No campo do currículo, Silva (2010) argumenta que os processos educativos participam da produção de identidades e diferenças, sendo atravessados por relações de poder que definem quais saberes são valorizados. Na EJA, quando as práticas pedagógicas reconhecem os saberes trazidos pelos estudantes de diferentes gerações, contribuem para a construção de um currículo mais inclusivo e sensível às experiências de vida. Por outro lado, quando tais saberes são desconsiderados, reforçam-se hierarquias que podem deslegitimar as vivências de determinados grupos etários.

Arroyo (2011) reforça que os sujeitos da EJA carregam marcas das desigualdades sociais e que a escola precisa reconhecer essas trajetórias como parte constitutiva do processo

formativo. Para o autor, a valorização das histórias de vida dos estudantes implica compreender que a aprendizagem não se restringe aos conteúdos formais, mas envolve a articulação entre conhecimentos escolares e saberes construídos nas experiências de trabalho, família e comunidade. Essa perspectiva torna-se ainda mais relevante em contextos intergeracionais, nos quais diferentes repertórios culturais se encontram e se tensionam.

O debate sobre pluralidade cultural apresentado por Gonçalves e Silva (2006) também contribui para a compreensão das relações intergeracionais na EJA. Os autores afirmam que a diversidade é característica das sociedades, mas que sua incorporação nas políticas públicas e nas práticas institucionais constitui desafio permanente. Na EJA, a diversidade geracional se articula a diferenças de classe social, gênero, raça e trajetória escolar, exigindo práticas pedagógicas que promovam o diálogo e o reconhecimento das múltiplas identidades presentes na sala de aula.

Sob a perspectiva intercultural, Romani e Rajobac (2011) defendem que a educação deve promover o diálogo entre diferentes experiências culturais, favorecendo o respeito e a valorização das diferenças. Essa abordagem pode ser aplicada à EJA na medida em que as relações entre gerações envolvem também distintas culturas juvenis, adultas e idosas, cada uma com suas referências simbólicas, linguagens e formas de compreender o mundo. A prática pedagógica intercultural, nesse sentido, contribui para transformar a diversidade geracional em potencial formativo.

A juvenilização da EJA, discutida por Araújo e Coutrim (2022), intensifica ainda mais a necessidade de compreender as relações intergeracionais no espaço escolar. O aumento da presença de jovens na modalidade modifica as dinâmicas da sala de aula e pode gerar tanto aproximações quanto conflitos entre gerações, especialmente no que se refere a expectativas em relação à escola, projetos de vida e modos de interação. Essa configuração reforça a importância de práticas pedagógicas que promovam mediações e favoreçam o diálogo entre sujeitos de diferentes idades.

Assim, a intergeracionalidade na EJA não se restringe à convivência entre faixas etárias distintas, mas constitui dimensão que atravessa identidades, saberes e práticas pedagógicas. Compreender essa realidade implica reconhecer que a sala de aula da EJA é espaço de encontros, tensões e aprendizagens mútuas, no qual as diferenças geracionais podem se transformar em potencial educativo quando mediadas por práticas que valorizem o diálogo, o respeito e a construção coletiva do conhecimento.

3 PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE EJA E QUESTÕES GERACIONAIS: O ESTADO DO CONHECIMENTO NA ANPED, SCIELO E CAPES

Este capítulo apresenta a base analítica da pesquisa ao caracterizar o estudo como um estado do conhecimento acerca da relação entre as questões geracionais e a Educação de Jovens e Adultos (EJA). A investigação concentra-se em produções científicas identificadas nas reuniões anuais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), na base de dados SciELO e no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, espaços reconhecidos pela relevância na produção e difusão do conhecimento educacional no Brasil. A escolha desses repositórios justifica-se por sua representatividade acadêmica e pela possibilidade de mapear tendências teóricas, recorrências temáticas e lacunas investigativas no campo da EJA.

O estado do conhecimento constitui uma modalidade de pesquisa bibliográfica que ultrapassa a simples revisão de literatura, pois busca compreender como determinado campo vem se estruturando ao longo do tempo, quais abordagens teóricas têm sido privilegiadas e quais problemáticas permanecem pouco exploradas. Nessa perspectiva, a análise da produção científica permite identificar não apenas o que se sabe, mas também aquilo que ainda precisa ser investigado. Os estudos do tipo estado do conhecimento permitem compreender como determinado campo tem sido constituído, quais perspectivas teóricas predominam e quais problemáticas ainda carecem de aprofundamento (Ferreira, 2002).

No caso da EJA, essa abordagem revela-se especialmente relevante, uma vez que a modalidade historicamente ocupa posição marginal nas políticas educacionais e, por consequência, na própria produção acadêmica. Tal cenário reflete a condição de invisibilidade social dos sujeitos que dela participam. Ao articular a EJA às questões geracionais, amplia-se o olhar para as dinâmicas etárias, intergeracionais e biográficas presentes nas práticas educativas, reconhecendo que a escola da EJA é atravessada por trajetórias diversas, marcadas por desigualdades sociais, interrupções escolares e múltiplas experiências de vida.

As produções apresentadas nas reuniões da ANPED evidenciam que o debate educacional tem incorporado, de forma crescente, a compreensão da EJA como espaço de reconhecimento de trajetórias e identidades plurais. Observa-se que os estudos discutem a heterogeneidade dos sujeitos da modalidade, destacando que as turmas não são compostas apenas por adultos trabalhadores, mas também por jovens com histórico de exclusão escolar e por idosos que retornam à escola em busca de um direito historicamente negado. A EJA não pode ser compreendida apenas como modalidade compensatória, mas como espaço de reconhecimento de trajetórias, saberes e identidades múltiplas (Arroyo, 2017).

Essas produções indicam que as diferenças geracionais impactam as práticas pedagógicas, as relações estabelecidas em sala de aula e as concepções de aprendizagem, exigindo dos docentes uma atuação sensível às experiências acumuladas pelos educandos ao longo da vida. Entretanto, embora a diversidade etária seja frequentemente mencionada, nem sempre ela é tratada como categoria analítica central, aparecendo muitas vezes de forma secundária ou associada a outras temáticas, como exclusão social, políticas públicas ou trajetórias escolares interrompidas.

Na base SciELO, observa-se movimento semelhante. Parte significativa dos artigos sobre EJA discute juventudes, processos de escolarização tardia e políticas educacionais, contribuindo para consolidar o debate teórico sobre os sujeitos da modalidade. Contudo, o recorte geracional tende a surgir de maneira implícita, diluído em discussões mais amplas sobre diversidade ou desigualdade social. Esse dado revela que, embora a convivência entre diferentes faixas etárias seja característica estruturante da EJA, ela ainda não é explorada de forma sistemática enquanto objeto específico de investigação. As pesquisas em EJA revelam avanços na compreensão dos sujeitos, mas ainda carecem de análises que articulem idade, geração e experiência social de forma mais sistemática (Di Pierro, 2010)

O levantamento realizado no Banco de Teses e Dissertações da CAPES reforça essa constatação. Nota-se crescimento no interesse por temas como juventude na EJA, envelhecimento e educação ao longo da vida, demonstrando ampliação do campo de estudos. Entretanto, ainda são reduzidas as pesquisas que abordam explicitamente a convivência entre diferentes gerações no mesmo espaço escolar, bem como seus desdobramentos pedagógicos, curriculares e relacionais. A produção acadêmica, em muitos casos, tende a segmentar os sujeitos da EJA por faixa etária, analisando jovens ou idosos separadamente, o que pode invisibilizar as relações intergeracionais que se constroem no cotidiano das salas de aula (Haddad; Di Pierro, 2000).

A análise conjunta das produções da ANPED, SciELO e CAPES permite afirmar que o debate sobre a EJA tem avançado significativamente na compreensão dos sujeitos, das políticas públicas e das desigualdades estruturais que atravessam a modalidade. Contudo, as questões geracionais ainda aparecem de forma dispersa, secundária ou articuladas a outros temas, sem constituírem, na maioria dos estudos, o foco central das investigações. Esse cenário evidencia uma lacuna teórica e metodológica relevante, considerando que a heterogeneidade etária é elemento constitutivo da EJA e influencia diretamente as dinâmicas pedagógicas e as relações estabelecidas no espaço escolar.

Dessa forma, o presente estudo justifica-se ao propor a articulação entre EJA e gerações como categorias interdependentes, compreendendo que a convivência entre jovens, adultos e idosos na escola produz desafios, tensões, trocas e aprendizagens específicas. O estado do conhecimento, portanto, não apenas mapeia o que já foi produzido, mas também evidencia silêncios e ausências que demandam novas investigações. A partir dessa síntese, o próximo capítulo apresentará de forma detalhada os procedimentos metodológicos adotados para a realização do levantamento, explicitando critérios de seleção, descritores utilizados, recorte temporal e categorias de análise empregadas na organização dos dados.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza bibliográfica, de abordagem qualitativa, desenvolvido a partir da metodologia denominada estado do conhecimento. Esse tipo de investigação busca identificar, mapear, sistematizar e analisar a produção acadêmica sobre determinado tema, permitindo compreender como o conhecimento vem sendo construído em uma área específica, quais perspectivas teóricas predominam e quais lacunas ainda permanecem (Romanowski; Ens, 2006).

O estado do conhecimento diferencia-se de uma revisão bibliográfica tradicional por não se limitar à descrição de obras, mas por realizar um levantamento criterioso da produção científica em bases específicas, organizando os dados de modo a evidenciar tendências, recorrências temáticas, enfoques metodológicos e silêncios investigativos. Nesse sentido, este estudo volta-se para a análise das produções que abordam a Educação de Jovens e Adultos (EJA) articulada às questões geracionais, com foco na intergeracionalidade.

A fundamentação teórica que sustenta a análise dos trabalhos selecionados baseia-se em autores que discutem a EJA sob diferentes perspectivas. Miguel Arroyo (2005, 2011, 2017) constitui referência central ao problematizar a identidade da modalidade, os sujeitos que a compõem e sua função social. Haddad e Di Pierro (2000) e Paiva (2006) contribuem ao situar historicamente a EJA no contexto das políticas educacionais brasileiras, evidenciando seus vínculos com processos de exclusão social e negação do direito à educação. As condições estruturais da modalidade, marcadas por financiamento insuficiente e marginalização histórica, são discutidas por Gouveia (2008) e Pinto (2021), cujas análises permitem compreender os limites impostos à garantia de uma educação de qualidade para jovens, adultos e idosos.

No que se refere às questões geracionais, o estudo dialoga com autores que discutem a convivência entre diferentes idades no espaço escolar e as aprendizagens que emergem dessas relações. Bianchetti e Bicas (2021) destacam que a presença de distintas gerações em contextos

educativos produz tensões, trocas de saberes e experiências formativas singulares, o que se mostra especialmente relevante para a EJA, onde é possível encontrar, inclusive, membros de uma mesma família compartilhando o espaço escolar. Essa base teórica orienta a leitura e a interpretação dos trabalhos mapeados, permitindo analisar de que forma as categorias intergeracionalidade, direito à educação e exclusão social aparecem nas produções acadêmicas recentes.

O levantamento do material empírico da pesquisa foi realizado em três fontes principais: as quatro últimas Reuniões Nacionais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED); o Portal SciELO; o Banco de Teses e Dissertações da CAPES. A escolha dessas bases justifica-se por sua relevância no cenário científico brasileiro, reunindo produções consolidadas e representativas do campo educacional. No caso da ANPED, a busca concentrou-se no GT 18 - Educação de Pessoas Jovens e Adultas, por se tratar do grupo de trabalho que congrega pesquisas diretamente relacionadas à modalidade. Foram consideradas as produções apresentadas na 38^a, 39^a, 40^a e 41^a reuniões.

Nas bases SciELO e CAPES, a busca foi realizada no mês de setembro de 2025, adotando-se o recorte temporal de 2020 a 2025, com o objetivo de identificar produções recentes sobre o tema. Utilizaram-se os seguintes descritores, combinados com o operador booleano AND: “educação de jovens e adultos” AND “geracional”; “EJA” AND “geracional”; “EJA” AND “gerações”.

Inicialmente, procedeu-se à leitura dos títulos dos trabalhos localizados, a fim de verificar a pertinência com o tema da pesquisa. Em seguida, os resumos foram analisados para confirmar a relação com a EJA e com as questões geracionais. Quando necessário, realizou-se a leitura do texto completo. Foram excluídos os estudos que abordavam apenas EJA ou apenas gerações, sem estabelecer relação entre os dois eixos temáticos. Como critérios de inclusão, priorizaram-se produções: publicadas em língua portuguesa; disponíveis na íntegra; vinculadas à área da educação; que apresentassem resumos e informações metodológicas claras.

Após a seleção, os trabalhos foram organizados em um quadro de sistematização contendo as seguintes categorias de análise: título, ano de publicação, instituição de vínculo dos autores, tipo de pesquisa, metodologia empregada, palavras-chave e principais enfoques temáticos. Essa organização permitiu identificar padrões, recorrências e ausências na produção científica. A análise dos dados seguiu uma abordagem qualitativa, buscando interpretar como a temática intergeracional é compreendida, quais conceitos são mobilizados e quais dimensões da convivência entre gerações são enfatizadas. Assim, o estudo não se limita à quantificação

das produções, mas procura compreender os sentidos atribuídos à relação entre EJA e gerações no campo acadêmico.

Dessa forma, os procedimentos metodológicos adotados possibilitam não apenas mapear a produção científica recente, mas também evidenciar lacunas e indicar caminhos para novas investigações, contribuindo para o fortalecimento do debate sobre a intergeracionalidade na Educação de Jovens e Adultos.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A presente etapa da pesquisa destina-se à apresentação, sistematização e análise das produções acadêmicas identificadas a partir do levantamento realizado nas Reuniões Nacionais da ANPED, no Portal SciELO e na Plataforma de Periódicos da CAPES. Conforme descrito nos procedimentos metodológicos, o objetivo foi mapear estudos que abordassem a Educação de Jovens e Adultos (EJA) articulada às questões geracionais, buscando compreender como essa temática vem sendo tratada no campo científico.

O levantamento evidenciou que a produção acadêmica que relaciona diretamente EJA e intergeracionalidade ainda se mostra restrita, o que reforça a relevância desta pesquisa ao dar visibilidade a um campo em consolidação. Ao mesmo tempo, observou-se que diversos estudos discutem os sujeitos da EJA, suas trajetórias, identidades e condições de escolarização, elementos que dialogam indiretamente com a dimensão geracional, mesmo quando esta não aparece como categoria central.

Com o intuito de organizar e tornar visíveis as principais características das produções encontradas, os trabalhos selecionados foram sistematizados a partir de critérios como título, autoria, ano de publicação, instituição de vínculo, tipo de produção, objetivos, metodologia empregada, referenciais teóricos mobilizados e forma de abordagem da intergeracionalidade. Essa organização possibilita uma visão panorâmica do campo investigado, permitindo identificar recorrências, lacunas e tendências nas pesquisas recentes.

Nesse sentido, apresenta-se a seguir a tabela de sistematização das produções acadêmicas analisadas.

Tabela 1: Sistematização das produções acadêmicas sobre EJA e questões geracionais

Título	Autor	Objetivo	Metodologia	Conceitos	Enfoque na intergeracionalidade	Observações
A juvenilização na educação de jovens e adultos: o perfil dos alunos e das alunas jovens da Região dos Inconfidentes-MG (2022)	Araújo, R. M. B.; Coutrim, R. M. E.	Analisar o perfil de jovens inseridos na EJA e o processo de juvenilização da modalidade	Pesquisa qualitativa com análise de perfil discente	EJA, juventudes, identidade, exclusão escolar	Discute a presença de jovens na EJA e tensões geracionais no espaço escolar	Contribui para compreender a mudança do perfil etário da EJA
Intergeracionalidade e aprendizagem na EJA (2012)	Bicas, M. de S.	Investigar as relações de aprendizagem entre diferentes gerações na EJA	Abordagem qualitativa	Intergeracionalidade, aprendizagem, diálogo entre gerações	Central - trata diretamente das trocas entre gerações em sala	Base importante para o conceito de intergeracionalidade e na EJA
Gerações em diálogo: a EJA e a construção de identidades (2015)	Bicas, M. de S.	Compreender como a convivência entre gerações contribui para a construção de identidades na EJA	Pesquisa qualitativa	Identidade, gerações, EJA	Central - diálogo intergeracional como elemento formativo	Relaciona intergeracionalidade e identidade cultural
Os sujeitos da EJA nas pesquisas em educação de jovens e adultos (2020)	Santos, P. dos; Silva, G. da	Mapear como os sujeitos da EJA aparecem nas pesquisas acadêmicas	Estado do conhecimento	Sujeitos da EJA, invisibilidade, exclusão	Indireto - trata da diversidade etária dos sujeitos	Ajuda a justificar a relevância do recorte geracional
Trajetórias de escolarização de jovens e adultos no ensino médio do Rio de Janeiro (2017)	Souza, M. A. de	Analisar trajetórias escolares de estudantes da EJA	Pesquisa qualitativa	Trajetórias escolares, exclusão, retorno à escola	indireto - evidencia percursos de diferentes idades	Contribui para discutir diversidade de trajetórias

Egressas da EJA no ensino superior: um debate bibliográfico um estudo sobre as especificidades da EJA (2023)	Paiva, T. M. de S.; Eiterer, C. L.	Discutir a continuidade dos estudos após a EJA	Revisão bibliográfica	EJA, permanência, trajetória	Indireto - diferentes fases da vida escolar	Mostra impactos da EJA a longo prazo
Um estudo sobre as especificidades da EJA (2023)	Barros, M. E.; Sant'Anna, S. M. L.	Discutir características próprias da modalidade de EJA	Estudo teórico	Especificidades da EJA, sujeitos, políticas	Indireto - diversidade de perfis etários	Ajuda a fundamentar a singularidade da EJA
Pesquisas histórico-críticas na EJA: o que dizem as publicações nos periódicos científicos (2021)	Coutinho, I. L. da C.	Mapear produções sobre EJA na perspectiva histórico-crítica	Estado do conhecimento	Produção científica, EJA, abordagem crítica	Indireto - análise da produção sobre EJA	Dialoga com a própria metodologia
Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções (2014)	Morosini, M. C.; Fernandes, C. M. B.	Definir e discutir o método estado do conhecimento	Pesquisa teórica	Estado conhecimento mapeamento científico	Não se aplica	Base metodológica do trabalho
As pesquisas denominadas do tipo Estado da Arte em educação (2006)	Romanowski, J. P.; Ens, R. T.	Discutir pesquisas do tipo estado da arte	Pesquisa teórica	Estado da arte, revisão de literatura	Não se aplica	Fundamenta os procedimentos metodológicos

Fonte: Autora (2026)

A sistematização das produções acadêmicas apresentada na Tabela 1 permite visualizar um panorama da forma como a Educação de Jovens e Adultos (EJA) vem sendo articulada às questões geracionais no campo científico brasileiro. A análise dos dados evidencia, em primeiro lugar, que a produção que trata diretamente da intergeracionalidade na EJA ainda é reduzida, confirmando a hipótese inicial de que essa temática permanece como um campo em construção.

Observa-se que, entre os trabalhos mapeados, apenas parte das produções aborda explicitamente as relações entre gerações no espaço da EJA. Os estudos de Bicas (2012; 2015) destacam-se nesse cenário por tratarem a intergeracionalidade como categoria central de análise, enfatizando as trocas de saberes, experiências de vida e processos de construção identitária que emergem da convivência entre sujeitos de diferentes idades. Nesses estudos, a intergeracionalidade é compreendida como dimensão pedagógica e formativa, que ultrapassa a

simples coexistência etária e se constitui como elemento estruturante das experiências educativas na EJA.

Em contrapartida, a maioria dos trabalhos sistematizados aborda as especificidades dos sujeitos da EJA, suas trajetórias escolares e processos de exclusão, sem necessariamente nomear a dimensão geracional como eixo analítico principal. É o caso das produções de Santos e Silva (2020) e Souza (2017), que discutem os percursos escolares interrompidos e retomados, evidenciando a diversidade de histórias de vida presentes na modalidade. Embora não utilizem diretamente o conceito de intergeracionalidade, tais estudos contribuem para a compreensão da heterogeneidade etária e social que caracteriza as turmas da EJA.

Outro aspecto relevante identificado refere-se ao fenômeno da juvenilização da EJA, discutido por Araújo e Coutrim (2022). Ao analisarem o perfil de jovens inseridos na modalidade, as autoras apontam mudanças significativas na composição etária das turmas, o que altera as dinâmicas pedagógicas e as relações entre estudantes de diferentes idades. Esse dado reforça a necessidade de compreender a EJA como espaço de encontro entre gerações, no qual coexistem jovens, adultos e, em muitos casos, idosos, cujas expectativas, experiências e ritmos de aprendizagem são distintos.

Os trabalhos apresentados nas reuniões da ANPED (Barros; Sant'Anna, 2023; Coutinho, 2021; Paiva; Eiterer, 2023) indicam que o debate sobre a EJA permanece fortemente vinculado à discussão de suas especificidades, desafios estruturais e trajetórias de escolarização, mas ainda dedica atenção limitada às relações intergeracionais como objeto específico de investigação. Essa constatação evidencia uma lacuna temática: embora a diversidade de sujeitos seja reconhecida, a análise das interações entre gerações ainda aparece de forma periférica.

Do ponto de vista metodológico, percebe-se a predominância de abordagens qualitativas, estudos de trajetória e revisões bibliográficas, o que demonstra a preocupação dos pesquisadores em compreender os sentidos atribuídos pelos sujeitos às suas experiências escolares. Contudo, a escassez de pesquisas que focalizem explicitamente o diálogo entre gerações sugere que a intergeracionalidade ainda não foi plenamente incorporada como categoria analítica consolidada no campo da EJA.

Essa ausência torna-se ainda mais significativa quando se considera que a EJA, conforme discutem Arroyo (2011) e Haddad e Di Pierro (2000), constitui um espaço marcado pela diversidade de sujeitos historicamente excluídos do sistema escolar. A presença simultânea de diferentes gerações em sala de aula não é um elemento periférico, mas uma característica estrutural da modalidade, que impacta as práticas pedagógicas, as relações de poder, as trocas culturais e os processos de construção de identidade.

Além disso, ao se considerar o debate sobre identidade e diferença (HALL, 2006; SILVA, 2010), torna-se evidente que as relações geracionais não se restringem à dimensão etária, mas envolvem experiências culturais, trajetórias sociais e posições distintas no mundo do trabalho e da família. Nesse sentido, a intergeracionalidade na EJA configura-se como espaço de encontro entre diferentes temporalidades de vida, memórias sociais e projetos de futuro.

Portanto, a análise da Tabela 1 revela que, embora a temática da intergeracionalidade ainda apareça de forma tímida na produção acadêmica sobre a EJA, há indícios consistentes de que esse campo vem se constituindo gradativamente, sobretudo a partir de estudos que reconhecem a diversidade etária como elemento central da modalidade. Essa constatação reforça a pertinência da presente pesquisa, que, ao mapear e analisar essas produções, contribui para dar visibilidade a um eixo temático ainda pouco explorado e fundamental para a compreensão da complexidade da Educação de Jovens e Adultos.

A leitura analítica das produções sistematizadas na Tabela 1 permite identificar não apenas a presença, ainda incipiente, da intergeracionalidade nas pesquisas sobre a EJA, mas também diferentes formas de abordagem da temática. Assim, para além da identificação dos trabalhos, tornou-se necessário examinar como as gerações são compreendidas, quais dimensões das relações intergeracionais são enfatizadas e que referenciais teóricos sustentam essas análises.

Essa etapa da pesquisa, portanto, avança do mapeamento quantitativo-descritivo para uma análise qualitativa de caráter categorial. Conforme destacam Morosini e Fernandes (2014), estudos do tipo estado do conhecimento ganham densidade quando organizam as produções não apenas por dados formais, mas por eixos analíticos que permitam compreender tendências teóricas e conceituais do campo. A partir da leitura dos trabalhos selecionados, foram definidas categorias de análise que possibilitam compreender os diferentes sentidos atribuídos à intergeracionalidade na EJA, tais como: a concepção de geração presente nos estudos; o tipo de relação intergeracional enfatizada; o foco etário predominante; a abordagem teórica utilizada e o lugar atribuído à intergeracionalidade (central ou secundário na pesquisa).

Essas categorias permitem identificar se a intergeracionalidade é tratada como elemento pedagógico, como característica sociológica dos sujeitos da EJA ou apenas como dado descritivo, além de evidenciar quais perspectivas teóricas sustentam tais compreensões.

Dessa forma, apresenta-se a seguir a Tabela 2 de categorias de análise construído a partir da leitura das produções selecionadas.

Tabela 2: Categorias de análise das produções sobre EJA e intergeracionalidade

Autores/Ano	Concepção de Geração	Tipo de Relação Intergeracional Enfatizada	Foco Etário Predominante	Abordagem em Teórica	Lugar da Intergeracionalidade no Estudo	Contribuições
Bicas (2012)	Geração como construção social e histórica	Trocas de saberes e aprendizagens mútuas	Jovens, adultos e idosos	Perspectiva sociocultural	Central	Evidencia a intergeracionalidade como elemento formativo na EJA
Bicas (2015)	Geração articulada à identidade	Diálogo e construção identitária	Diferentes idades em sala	Estudos de identidade cultural	Central	Relaciona intergeracionalidade e processos de construção de identidade
Araújo & Coutrim (2022)	Geração associada à juventude na EJA	Tensões entre jovens e adultos	Jovens	Sociologia da juventude e educação	Secundário	Discute a juvenilização e seus impactos nas dinâmicas escolares
Santos & Silva (2020)	Geração implícita nas trajetórias	Convivência entre diferentes histórias de vida	Adultos e jovens	Estudos sobre sujeitos da EJA	Secundário	Destaca a diversidade dos sujeitos da EJA
Souza (2017)	Geração vinculada a trajetórias escolares	Experiências escolares em diferentes fases da vida	Jovens e adultos	Estudos de trajetórias escolares	Secundário	Evidencia percursos interrompidos e retomados
Paiva & Eiterer (2023)	Geração relacionada a ciclos de vida escolar	Continuidade de estudos após a EJA	Jovens e adultos	Revisão bibliográfica	Secundário	Mostra impactos da EJA nas trajetórias educacionais
Barros & Sant'Anna (2023)	Geração como parte da diversidade dos sujeitos	Diferenças de perfil entre estudantes	Diversificado	Estudos sobre especificidades da EJA	Secundário	Reforça a heterogeneidade da EJA
Coutinho (2021)	Não central	Não enfatizada	Não especificado	Estado do conhecimento	Ausente	Mapeia pesquisas, mas não aprofunda a dimensão geracional

Fonte: Autora (2026).

A organização das produções a partir das categorias apresentadas na Tabela 2 permite compreender que a intergeracionalidade na Educação de Jovens e Adultos (EJA) não é tratada de maneira homogênea nas pesquisas analisadas. Ao contrário, emergem diferentes modos de conceber as gerações e suas relações no espaço escolar, revelando níveis distintos de

aprofundamento teórico e centralidade temática.

Uma primeira tendência identificada é a intergeracionalidade como eixo pedagógico e formativo, presente de maneira mais consistente nos estudos de Bicas (2012; 2015). Nessas produções, as gerações não aparecem apenas como recortes etários, mas como construções sociais e históricas que se encontram no espaço da EJA, produzindo aprendizagens mútuas. A convivência entre diferentes idades é compreendida como experiência formativa, na qual memórias, trajetórias e saberes de vida são compartilhados, tensionados e ressignificados. A intergeracionalidade, portanto, assume papel estruturante das práticas educativas, sendo reconhecida como dimensão que enriquece o processo de ensino-aprendizagem e a construção de identidades.

Uma segunda tendência refere-se à intergeracionalidade como dado demográfico ou característica descritiva dos sujeitos da EJA. Nessa perspectiva, observada em trabalhos como os de Araújo e Coutrim (2022), Santos e Silva (2020) e Souza (2017), a diversidade etária é reconhecida como traço marcante da modalidade, mas não se constitui como categoria analítica central. As pesquisas destacam o fenômeno da juvenilização, as trajetórias escolares interrompidas e retomadas e a heterogeneidade das turmas, porém as relações entre gerações aparecem de forma implícita ou secundária. Assim, embora os estudos contribuam para evidenciar a pluralidade dos sujeitos da EJA, ainda há pouca problematização sobre como essas diferenças geracionais se traduzem em interações, conflitos, diálogos e aprendizagens no cotidiano escolar.

Uma terceira tendência identificada é a invisibilidade das relações intergeracionais, verificada em produções nas quais a EJA é discutida sob o viés das políticas públicas, das especificidades da modalidade ou do mapeamento de pesquisas, sem que a questão geracional seja abordada de forma explícita. Trabalhos como os de Barros e Sant'Anna (2023) e Coutinho (2021) exemplificam esse movimento: ainda que reconheçam a diversidade dos sujeitos da EJA, não exploram as implicações pedagógicas e socioculturais do encontro entre gerações. Essa ausência é significativa, pois revela que a intergeracionalidade, apesar de ser característica estrutural da modalidade, ainda não ocupa posição consolidada como categoria de análise no campo.

Essas tendências indicam que a intergeracionalidade transita entre três lugares distintos nas pesquisas sobre a EJA: como categoria central de compreensão das práticas educativas, como elemento contextual secundário e, em alguns casos, como dimensão silenciada. Tal constatação reforça a ideia de que o campo ainda está em processo de consolidação teórica no que diz respeito às relações entre gerações.

À luz das discussões de Hall (2006) sobre identidade cultural e de Silva (2010) acerca da diferença como construção social, é possível afirmar que as gerações na EJA não representam apenas idades distintas, mas posicionamentos diversos no mundo social, marcados por experiências de trabalho, maternidade, paternidade, exclusão escolar e pertencimentos culturais variados. A ausência de uma análise mais aprofundada dessas relações pode resultar na naturalização das diferenças etárias, sem que se reconheça seu potencial pedagógico e formativo.

Além disso, considerando as reflexões de Arroyo (2011) sobre os sujeitos da EJA como portadores de histórias de negação de direitos, a intergeracionalidade pode ser compreendida como espaço de encontro entre diferentes temporalidades de exclusão e resistência. Jovens que vivenciam fracassos escolares recentes e adultos que retornam à escola após longos períodos de afastamento compartilham o mesmo espaço educativo, mas carregam experiências sociais distintas, que influenciam suas expectativas, modos de participação e relações com o saber.

Dessa forma, a análise categorial evidencia que, embora existam contribuições importantes, como as de Bicas (2012; 2015) e Araújo e Coutrim (2022), que permitem avançar na compreensão das relações entre gerações na EJA, grande parte da produção acadêmica ainda aborda essa dimensão de forma periférica. Essa lacuna reforça a relevância da presente pesquisa, que, ao mapear e analisar essas diferentes abordagens, contribui para consolidar a intergeracionalidade como eixo analítico fundamental para a compreensão da complexidade dos sujeitos e das práticas na Educação de Jovens e Adultos.

Nesse sentido, a análise categorial evidencia que, embora existam contribuições importantes que reconhecem a intergeracionalidade como dimensão constitutiva da EJA, grande parte da produção acadêmica ainda a aborda de forma periférica. Essa lacuna reforça a relevância da presente pesquisa, que, ao mapear e analisar essas diferentes abordagens, contribui para consolidar a intergeracionalidade como eixo analítico fundamental para a compreensão da complexidade dos sujeitos e das práticas na Educação de Jovens e Adultos.

Diante das análises realizadas, constata-se que a intergeracionalidade na Educação de Jovens e Adultos se apresenta como uma dimensão simultaneamente presente e subexplorada no campo das pesquisas acadêmicas. Embora a diversidade etária constitua uma característica histórica e estruturante da modalidade, nem sempre ela é assumida como categoria analítica capaz de iluminar as dinâmicas pedagógicas, sociais e culturais que atravessam o cotidiano escolar.

Os estudos que a tomam como eixo central evidenciam seu potencial formativo, ao passo que investigações como a de Araújo e Coutrim (2022) demonstram que as transformações

no perfil etário da EJA introduzem novas tensões, expectativas e formas de participação no espaço educativo. Assim, o mapeamento categorial realizado neste capítulo revela não apenas diferentes modos de abordar a questão geracional, mas também a necessidade de consolidar a intergeracionalidade como chave interpretativa para compreender a complexidade dos sujeitos da EJA, suas trajetórias e as relações que constroem no processo educativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa evidenciou que a Educação de Jovens e Adultos se constitui como um espaço marcado pela diversidade de trajetórias, experiências e temporalidades, no qual a convivência entre diferentes gerações assume papel central nos processos educativos. A intergeracionalidade, portanto, não se apresenta apenas como característica demográfica da modalidade, mas como elemento que influencia as relações pedagógicas, os sentidos atribuídos à escolarização e as formas de participação dos sujeitos.

A análise das produções acadêmicas demonstrou que, embora a diversidade etária seja frequentemente mencionada, ainda são limitados os estudos que tratam a intergeracionalidade como categoria analítica estruturante. As pesquisas que se aproximam dessa perspectiva revelam que o encontro entre gerações pode favorecer trocas de saberes, fortalecimento de vínculos e reconhecimento das experiências de vida como dimensões formativas relevantes. Ao mesmo tempo, apontam desafios pedagógicos decorrentes das diferentes expectativas, ritmos de aprendizagem e relações com o conhecimento, especialmente diante do processo de juvenilização da EJA.

Conclui-se que compreender a EJA sob a ótica da intergeracionalidade contribui para superar visões homogêneas sobre seus sujeitos e amplia a compreensão das dinâmicas presentes no cotidiano escolar. Tal abordagem reforça a necessidade de práticas pedagógicas mais dialógicas e sensíveis às especificidades geracionais, bem como de políticas educacionais que reconheçam a pluralidade dos estudantes da modalidade. Dessa forma, a intergeracionalidade se consolida como eixo relevante para a reflexão teórica e para o fortalecimento do direito à educação ao longo da vida.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Regina Magna Bonifácio; COUTRIM, Rosa Maria da Exaltação. A juvenilização na Educação de Jovens e Adultos: o perfil dos alunos e das alunas jovens da Região dos Inconfidentes-MG. *Perspectiva*, v. 40, n. 4, p. 1–19, 2022.

ARAÚJO, Regina Magna Bonifácio; LUCINDA, Nilzilene Imaculada. Um olhar sobre a produção científica do campo da Pedagogia: o que dizem as dissertações e teses nos anos de

2002 a 2012. **Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas**, v. 3, n. 6, p. 17–17, 2014.

ARROYO, Miguel. Políticas educacionais, igualdade e diferenças. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, v. 27, n. 1, 2011.

ARROYO, Miguel G. **Passageiros da noite**: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017

BARROS, Marcos Evaldt de; SANT'ANNA, Sita Mara Lopes. Um estudo sobre as especificidades da EJA. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPEd, 41., 2023, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPEd, 2023. Resumo expandido. GT18 – Educação de Pessoas Jovens e Adultas.

BICAS, Maurilane de Souza. Gerações em diálogo: a EJA e a construção de identidades. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 35, n. 95, p. 237–254, maio/ago. 2015.

BICAS, Maurilane de Souza. Intergeracionalidade e aprendizagem na EJA. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 147–164, jan./mar. 2012.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 10 ago. 2025.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 1 set. 2025.

BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. **Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE**. Brasília, DF: Presidência da República, 2014. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm. Acesso em: 4 set. 2025.

CASTRO, F. S.; CRUZ, R. E. da. O financiamento da educação de jovens e adultos (EJA): elemento contraditório do direito à educação. **Educar em Revista**, v. 40, p. e89940, 2024.

CINEAD LECAV – Programa de Extensão Cinema Para Aprender e Desaprender (CINEAD/UFRJ). **Abecedário de Educação e Interculturalidade com Vera Candau**. YouTube, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com>. Acesso em: 5 set. 2025.

COUTINHO, Isabela Lemos da Costa. Pesquisas histórico-críticas na EJA: o que dizem as publicações nos periódicos científicos. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPEd, 40., 2021, Niterói. **Anais...** Niterói: ANPEd, 2021. Pôster. GT18 – Educação de Pessoas Jovens e Adultas.

DI PIERRO, Maria Clara; HADDAD, Sérgio. Transformações nas políticas de educação de jovens e adultos no Brasil no início do terceiro milênio: uma análise das agendas nacional e internacional. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 35, n. 96, p. 197–217, maio-ago. 2015.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **O jogo das**

diferenças: o multiculturalismo e seus contextos. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. Escolarização de jovens e adultos. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 14, p. 108–194, maio-ago. 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MOROSINI, Marília Costa; FERNANDES, Cleoni Maria Barboza. Estado do conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Educação por Escrito**, v. 5, n. 2, p. 154–164, 2014.

PAIVA, Tawani Mara de Sousa; EITERER, Carmem Lucia. Egressas da EJA no ensino superior: um debate bibliográfico. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPEd, 41., 2023, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPEd, 2023. Resumo expandido. GT18 – Educação de Pessoas Jovens e Adultas.

ROMANI, S.; RAJOBAC, R. Por que debater sobre interculturalidade é importante para a educação? **Revista Espaço Acadêmico**, v. 11, n. 127, p. 65–70, 2011.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo Estado da Arte em educação. **Revista Diálogo Educacional**, v. 6, n. 19, p. 37–50, 2006.

SANTOS, P. dos; SILVA, G. da. Os sujeitos da EJA nas pesquisas em educação de jovens e adultos. **Educação & Realidade**, v. 45, n. 2, p. e96660, 2020.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO PARANÁ. **Diretrizes Curriculares da Educação de Jovens e Adultos.** Paraná: SEED, s.d.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Diferença e identidade: o currículo multiculturalista. In: _____. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 85–90.

SIQUEIRA LAMEGO, Caio Roberto; FERREIRA DOS SANTOS, Maria Cristina. Multiculturalismo e educação intercultural: narrativas de professores sobre preconceito e abordagens culturais na escola. **Dialogia**, n. 29, p. 111–121, 2018. DOI: 10.5585/dialogia.N29.8810.

SOUSA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 43, 2021.

SOUZA, Marcelo André de. Trajetórias de escolarização de jovens e adultos no ensino médio do Rio de Janeiro. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPEd, 38., 2017, São Luís. **Anais...** São Luís: ANPEd, 2017. Pôster. GT18 – Educação de Pessoas Jovens e Adultas.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. **Educação de Jovens e Adultos: princípios e práticas pedagógicas.** v. 2. São Paulo: SME, s.d.